

## **Irreverência e não-conformismo: traços marcantes na poesia de Emily Dickinson**

*What I must do is all that concerns me, not what  
the people think. This rule, equally arduous in  
actual and in intellectual life, may serve for the  
whole distinction between greatness and  
meanness.*

Emerson, "Self-Reliance"

**Abstract:** Emily Dickinson lived a time when women should obey and respect social hierarchy and religious issues, and dedicate themselves to domestic chores. This passive attitude could partially erase the woman's personality and her capacity to express herself. On the other hand, that was also the time when Emerson and the transcendentalists reacted against the too formal science, too formal religion, and too formal social practices and preached the importance of cultivating self confidence and nonconformity as essential elements for the individual's affirmation. In this essay we point out that Dickinson's poetry, instead of reproducing traditional ideas, faces and questions issues unthinkable to be discussed by a nineteenth century woman. And more than that, she has produced a literary work in which independence and nonconformity are evident and, against all odds, she ended up as a major voice in North American literature and her poetry still surprises the ones who undertake its reading.

**Keywords:** irreverence, nonconformity, self-confidence.

**Resumo:** Emily Dickinson viveu uma época em que da mulher se esperava obediência, respeito e dedicação às coisas do lar e da religião, o que combina com um crescente apagamento da personalidade e poderia anular quaisquer chances de expressão intelectual. Por outro lado, é nessa mesma época que Emerson e os transcendentalistas dedicam-se a combater o excesso de formalismo existente na ciência, na religião e nas práticas sociais e pregam a importância de o indivíduo cultivar a autoconfiança e o não-conformismo como elementos essenciais à sua afirmação. Neste ensaio, destacamos como Dickinson, cuja vida reclusa poderia ter resultado na elaboração de textos acanhados e repletos de idéias tradicionais, fala como portadora de cobranças e questionamentos impensáveis de serem produzidos por uma mulher

do século XIX e deixa como legado uma obra poética onde se evidencia a natureza independente e não-conformista daquela que, contra quaisquer prognósticos, tornou-se voz maior na poesia norte-americana e não cessa de surpreender os que empreendem sua leitura.

**Palavras-chave:** irreverência, não-conformismo, autoconfiança.

Quando abordamos a obra de Emily Dickinson, geralmente destacamos o fato de a poeta não ter podido publicar em vida, até porque os poucos poemas que lograram publicação não levavam o seu nome. Só que, como Gilbert e Gubar destacam, Dickinson tinha consciência de que aquele nome não lhe pertencia e, conseqüentemente, ela não podia se sentir livre para colocá-lo em risco, para torná-lo público, ou mesmo para imortalizá-lo (2000, p. 555). Essa preocupação, no entanto, está diretamente ligada ao fato de Dickinson saber que seu verso ignorava as regras da convenção poética e, ao mesmo tempo, tratava de assuntos considerados inadequados para serem abordados por uma poetisa (Rich, 1979, p. 100). Desta forma, se assumisse publicamente seus poemas, ela estaria comprometendo o nome de seu pai e de sua família.

Essa consciência quanto ao nome que usava faz-se muito presente no fato de Dickinson referir-se todo tempo a sua casa como a casa do pai, o que termina por causar um tipo de impasse, pois embora a poeta não precisasse se preocupar com a própria subsistência e dispusesse de tempo e espaço para escrever, esse tempo e espaço não constituíam exatamente o que reivindica Virginia Woolf em *A Room of One's Own*, pois faltava a Dickinson a independência que muitas mulheres só puderam alcançar por meio de um pseudônimo. Woolf entenderia muito bem essa situação, pois, além dos preconceitos ainda em vigor em sua época, o nome e o status de seu pai de certa forma também tolhiam a liberdade de expressão da romancista inglesa que chegou a fundar sua própria editora, para livrar-se da ingerência de terceiros e poder publicar o que lhe conviesse e não aos outros.

E se Woolf reclamava da falta de espaço para a mulher que queria dedicar-se à escrita na Europa nas primeiras décadas do século XX, o que dizer da situação de Dickinson na Nova Inglaterra do século XIX? Como poderia ela assumir publicamente idéias que ainda hoje podem soar subversivas para comunidades mais conservadoras e tradicionalistas?

Talvez essa seja uma explicação para o hábito de Dickinson colecionar seus poemas em pilhas amarradas em forma de cadernos, como se estivesse adiando o contacto que seus versos teriam um dia com leitores e também providenciando alguma distância no tempo, para que sua poesia pudesse se apresentar de forma mais independente e

dissociada da moldura familiar. Os leitores poderiam então aceitar ou não suas idéias, mas, ao invés de se preocuparem primeiro com quem as produziu, dariam mais atenção aos possíveis méritos do seu verso, que é o que ela pede quando diz:

This is my letter to the World.  
That never wrote to Me -  
The simple News that Nature told -  
With tender Majesty

Her Message is committed  
To Hands I cannot see -  
For love of Her - Sweet - countrymen -  
Judge tenderly of Me (J441)

Este é apenas um dentre os vários poemas que destacam a importância do fazer poético na vida de Dickinson e que nos levam a pensar como podia ela estar tão certa da importância de seus versos, a ponto de renunciar a viver a experiência de esposa e mãe para dedicar o melhor de seu tempo a escrevê-los. O fato é que Dickinson sabia muito bem que, uma vez casada, a mulher interrompia sua própria vida para viver em função de outra(s) vida(s), situação essa que absorvia toda sua atenção e energia, deixando-a sem tempo para pensar ou investir em si mesma: *She rose to His Requirement - dropt / The Playthings of Her Life / To take the honorable Work / Of Woman, and of Wife* (J732).

E foi justamente por não se conformar com as leis do patriarcado que impingiam à mulher papel tão secundário e para poder refletir e se pronunciar sobre esta e outras questões que Dickinson escolheu o celibato e se colocou como observadora implacável que registra com ironia a situação precária da mulher em meio à instituição do casamento:

Forever at his side to walk -  
The smaller of the two!  
Brain of His Brain -  
Blood of His Blood -  
Two lives - One Being - now -

Forever of His fate to taste -  
If grief - the largest part -  
If joy to put my piece away  
For that beloved Heart -

All life - to know each other -  
Whom we can never learn -

And bye and bye - a Change -  
Called Heaven -  
Rapt Neighborhoods of Men -  
Just finding out - what puzzled us -  
Without the Lexicon! (J246)

É interessante notar como a insistência nas maiúsculas que é tão freqüente em Dickinson e que neste poema privilegia o possessivo masculino e o substantivo a ele relacionado, como em “His Brain” e “His Blood”, assim não funciona em “His fate”, como se a poeta quisesse indicar que o destino do homem poderia não ser grande coisa. Mesmo assim, à mulher só restava a alternativa de compartilhá-lo, em proporção maior se trouxesse sofrimento e em menor se trouxesse felicidade, constatação que também deveria soar subversiva aos ouvidos masculinos da comunidade, inclusive do respeitado e proeminente Edward Dickinson, pai da poeta. Mas o poema não se esgota nesta colocação de ordem particular. Ele se abre em uma perspectiva mais ampla ao denunciar a impossibilidade do real conhecimento entre as pessoas que, em um dado momento, são colhidas pela morte sem que tivessem podido entender o sentido de suas vidas.

O fato é que Dickinson tinha plena consciência de que seus poemas se debruçavam sobre questões instigantes e, ao mesmo tempo, ignoravam os padrões formais que governavam o verso, como nas regras de sintaxe e de pontuação, e esse trabalho duplamente subversivo deveria causar choque e decepção se atribuído publicamente à jovem filha de Edward Dickinson. Afinal, Emily Dickinson não havia sido educada para ganhar a estrada e pregar suas idéias, como já havia feito sua conterrânea Margaret Fuller, a qual, embora vinte anos mais velha que a poeta, acumulou em sua breve existência atividades extraordinárias para a época, como a editoração do jornal transcendentalista *The Dial*, a tradução de textos de Goethe e a autoria de *Woman in the Nineteenth Century* (1845), que, por si só, poderia conferir-lhe o título de feminista se esse termo já existisse à época. Fuller terminou por trabalhar como correspondente de guerra, durante a guerra civil italiana, e morreu vítima de naufrágio quando regressava aos Estados Unidos, com apenas quarenta anos de idade. Diante desse verdadeiro torvelinho, a existência de Dickinson pode parecer até simplória. Mas é que Dickinson trava suas batalhas nos livros, ou seja, em sua poesia, conforme ela própria já havia dito.

E para escrever seus poemas, Dickinson afasta-se das reuniões sociais e mergulha no isolamento disciplinado que lhe proporciona a disponibilidade essencial ao fazer poético. Assim, sob a desculpa da

saúde delicada, ela deixa de freqüentar o culto semanal na igreja. A verdade é que Dickinson tem dificuldade em aceitar as normas rígidas que regem a matéria da conversão e chega a registrar o relacionamento com Deus em versos contundentes ou até mesmo desafiadores, que passam do “Some keep the Sabbath going to Church - / I keep it, staying at Home” (J 324) ao perturbador

I never lost as much as twice,  
And that was in the sod,  
Twice have I stood a beggar  
Before the door of God!

Angels - twice descending  
Reimbursed my store -  
Burglar! Banker - Father!  
I am poor once more! (J49)

Neste poema, o eu poético questiona as perdas contabilizadas ao longo da vida, ao mesmo tempo em que cobra indenização à instância superior identificada na primeira estrofe como Deus, para, na estrofe seguinte, tratá-la com epítetos que vão do desrespeitoso Ladrão (Burglar) ao irônico Banqueiro (Banker), para, finalmente, reconhecê-lo como Pai (Father), ficando patente nestas colocações o não-conformismo quanto às resoluções de quem controla o mundo lá do alto.

Mas não é sempre que Dickinson se expressa de forma tão contundente. Algumas vezes, sob um tom propositadamente cético ela aborda questões fundamentais, como ao constatar que

“Faith” is a fine invention  
When Gentlemen can see -  
But Microscopes are prudent  
In an Emergency. (J185)

E outras vezes, a irreverência da poeta soa leve e bem humorada como no poema abaixo, em que, sob o registro de uma voz infantil, ela exalta a beleza do fruto proibido que cresce do outro lado da cerca, ao qual renuncia por medo de macular a roupa e atrair o castigo de Deus, não sem antes incluir o próprio Deus na tentação de “pular aquela cerca”:

Over the fence -  
Strawberries - grow -  
Over the fence -  
I could climb - if I tried, I know -  
Berries are nice!

But - if I stained my Apron -  
God would certainly scold!  
Oh, dear, - I guess if He were a Boy -  
He'd - climb - if He could! (J251)

Irreverente, cética e inconformada com alguns dos princípios controladores de instituições como o casamento e a igreja, Dickinson soa em muitos de seus textos como uma voz procedente de um outro lugar que não a tranqüila Amherst. Seria a voz estrangeira que José Lira (2006, pp. 65-94) estuda em “A estrangeirização: aspectos (in)formais de uma gramática poética”, ao qual acrescentaríamos que essa voz não é estrangeira só por falar uma outra língua, mas por tratar de temas proibidos para uma poetisa da Nova Inglaterra. Acrescentaríamos, ainda, que parte dessa estrangeirização pode ser fruto das leituras da poeta que incluem, entre outros, a poesia de Elizabeth Browning, os romances de George Eliot e das irmãs Brontë e os ensaios e poemas de escritores conterrâneos como Emerson e Thoreau.

Nessa mesma época, Ralph Waldo Emerson pregava suas idéias não-conformistas e individualistas, em que uma das premissas fundadoras expressa no ensaio “Self-Reliance” afirma que o ser humano deveria acreditar antes de tudo em si mesmo e não se conformar com as imposições da sociedade. Além disso, como ele diz em “The Divinity School Address”, o ser humano não necessita de intermediário algum para comunicar-se com Deus.

Essas idéias ocupam lugar do maior destaque no código de princípios adotado pelos transcendentalistas e a tarefa de Emerson inclui o deslocamento para várias cidades a fim de falar sobre um repertório de assuntos que vai desde a importância das coisas da natureza a como o indivíduo necessita confiar em si próprio para se realizar como ser humano. Ele esteve inclusive em Amherst, na casa do irmão de Dickinson e, embora os biógrafos atestem que ela não foi escutá-lo, a leitura de ensaios como “Self-Reliance”, “The Poet” e “Experience” deve ter sido muito importante para que ela refletisse sobre a importância da missão do poeta e passasse a se enxergar como tal. Porém, nem tudo deve ter sido tão fácil, pois, como diz Albert Gelpi, se Emerson era calmo por natureza, Dickinson possuía uma natureza atormentada e Gelpi afirma que uma dificuldade peculiar à poeta foi ter sido uma poeta romântica com um sentido calvinista das coisas e de ter experimentado um êxtase transitório em um mundo tragicamente perdido (1985, p. 63).

Dessa diferença de temperamento resultam variantes fundamentais entre Emerson e Dickinson e uma delas é que, enquanto Emerson

vê e sente a natureza como uma força cem por cento positiva, Dickinson a descreve com matizes que vão do claro e espontâneo ao assustador, revelando as dúvidas e questionamentos da poeta.

E é da profundidade dos bosques e do mito do pioneiro e desbravador das florestas americanas que Dickinson extrai a metáfora que poderá explicar a conquista da condição de poeta e o entendimento do poder intrínseco ao poema, como esclarece Gelpi (1979, pp. 122-134), ao analisar o poema que passamos a transcrever:

My Life had stood - a Loaded Gun -  
In Corners - till a Day  
The Owner passed - identified -  
And carried Me away -

And now we roam in Sovereign Woods -  
And now We hunt the Doe -  
And every time I speak for Him -  
The Mountains straight reply -

And I do smile, such cordial light  
Upon the Valley glow -  
It is as a Vesuvian Face  
Had let its pleasure through -

And when at Night - Our good Day done -  
I guard my Master's Head -  
'Tis better than Eider-Duck's  
Deep Pillow - to have shared -

To foe of His - I'm deadly foe -  
None stir the second time -  
On whom I lay a Yellow Eye -  
Or an emphatic Thumb -

Though I than He - may longer live  
He longer must - than I -  
For I have but the power to kill,  
Without - the power to die - (J754)

Trata-se de um poema narrativo cuja leitura linear apresenta o eu lírico como uma arma de fogo carregada que vivia negligenciada e encostada pelos cantos, até que alguém se identifica como seu proprietário e leva-a consigo. E a vida desta arma que era vazia e sem sentido transforma-se em uma sucessão de experiências em que ela mata a caça, fala por seu dono e protege-o contra os inimigos.

Gilbert e Gubar apontam como uma das possíveis fontes para este poema “The lover compareth his heart to the overcharged gun” do poeta inglês do século XVI Sir Thomas Wyatt (pp. 609-10), enquanto Gelpi associa-o ao romance de James Fenimore Cooper *The Deerslayer*, atestando a sintonia da poeta com o mito do desbravador norte-americano.

Considerado dos mais complexos na obra de Dickinson, “My Life had stood a Loaded Gun” tem sido estudado por vários críticos e poetas e Gelpi, no ensaio supra mencionado, consegue construir uma interpretação bastante detalhada e significativa. Em um primeiro momento, Gelpi discorda dos biógrafos que se preocupam em identificar a figura masculina do Owner / Master como um homem de grande importância na vida da poeta ou como uma referência a Jesus / Deus, para defini-la como uma presença ou fator psicológico na vida interior de Dickinson. Em seguida, ele recorre aos termos *animus* e *anima* criados por Carl Jung, para explicar como a arma que serve de metáfora para o poeta ou o próprio poema necessita ser ativada pelo *animus* (Owner / Master), para que, ao custo do sacrifício da corça, representante da feminilidade (*anima*), alcance o poder de expressão e a condição de porta-voz do Master. Finalmente, como a conquista desse *animus* tem lugar nas profundezas dos bosques povoados pela figura mítica do desbravador, Gelpi associa o poema ao romance de Cooper, publicado em 1841, onde o pioneiro ao desbravar a terra virgem reafirma sua masculinidade.

O fechamento do poema reserva outro desafio de interpretação para o leitor, pois indica que o Owner / Master deverá viver mais que o poema que, embora tenha o poder de matar, não pode decidir sobre sua própria morte. Aí diríamos que a palavra final pertence ao leitor, que vem cumprindo fielmente sua função ao manter a poesia de Dickinson viva e forte ao longo de todos esses anos.

É assim que Dickinson convoca a própria poesia para se pronunciar sobre a natureza do poder que lhe foi conferido, o qual suplanta todos os interditos, pois os poetas, segundo Emerson, são deuses libertadores (1993, pp. 77-78) e a primeira condição para que sejam libertadores é que sejam livres de qualquer limitação. Consciente desse poder, Dickinson convenientemente se auto-exila para exercê-lo em toda plenitude, sem se preocupar com tabus ou preconceitos, com permissão ou proibição de temas. Afinal, Emerson também dissera que os poetas soltam as correntes e descortinam novas cenas.

Quanto ao tempo que transcorreu até que os poemas de Dickinson fossem publicados, poderíamos lembrar que, se ela tivesse se dedica-

do a escrever poemas suaves e pacatos, como várias poetisas de sua época, sua poesia teria sido provavelmente publicada e facilmente esquecida, em vez de ter aguçado a atenção dos que a leram depois de sua morte. Os elementos aí encontrados devem ter causado espanto e incredulidade. Quem pensa que é esta jovem para afrontar crenças e valores e se pronunciar sobre assuntos tão profundos e polêmicos, devem ter se perguntado seus primeiros leitores, reação que ainda hoje acomete os não iniciados.

O fato é que a irreverência com que Dickinson trata temas e instituições considerados intocáveis faz com que seus poemas tenham a capacidade de fragilizar crenças e certezas, levando o leitor a se questionar sobre coisas que até então lhe pareciam incontestes. E o mais impressionante é que, ao debruçar-se sobre si mesma e analisar como a poesia passou a ser a atividade mais importante em sua vida, Dickinson mostra plena consciência das escolhas que fez e ao ignorar princípios de forma e estilo e se pronunciar sobre temas ainda hoje irresolvidos, ela assume o papel do *loaded gun* pronto para atirar a qualquer momento, enquanto o leitor ao ler sua poesia pode carregar as marcas dessa experiência para sempre, como se atingido fosse por um tiro de fuzil, só lhe restando dizer com a poeta:

In the name of the Bee -  
And of the Butterfly -  
And of the Breeze - Amen!

## Referências

- Dickinson, Emily. *Final Harvest: Emily Dickinson's Poetry*. Thomas H. Johnson (ed.). Boston: Little, Brown & Company, 1961.
- Emerson, Ralph Waldo. *Self-Reliance and Other Essays*. New York: Dover, 1993.
- Gelpi, Albert. "Emily Dickinson and the Deerslayer: The Dilemma of the Woman Poet in America". In: Gilbert, Sandra; Gubar, Susan (eds.). *Shakespeare's Sisters: Feminist Essays on Women Poets*. Bloomington: Indiana University Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. "Seeing New Englandly: From Edwards to Emerson to Dickinson". In: *Modern Critical Views: Emily Dickinson*. Harold Bloom (ed.). New York: Chelsea House, 1985.
- Gilbert, Sandra; Gubar, Susan (eds.). *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. 2<sup>nd</sup> ed. New Haven: Yale Nota Bene, 2000.
- Lira, José. *Emily Dickinson e a poética da estrangeirização*. Recife: PPGL-UFPE, 2006.
- Rich, Adrienne. "Vesuvius at Home: The Power of Emily Dickinson". In: Gilbert, Sandra; Gubar, Susan (eds.). *Shakespeare's Sisters: Feminist Essays on Women Poets*. Bloomington: Indiana University Press, 1979.
- Woolf, Virginia. *A Room of One's Own*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.